



DOMINGO DE RAMOS E DA PAIXÃO
04/04/2004

1ª leitura (Antigo Testamento): Isaías 45.21-28 ou 52.13 a 53.12

Os dois textos pertencem ao chamado "*Livrinho da Consolação*" que é a segunda parte do Livro do Profeta Isaías (40-55). Nesta parte da profecia de Isaías, se busca preparar o povo para um novo tempo que começa com o fim do sofrimento (do exílio) e a possibilidade real de volta a terra prometida para a construção de uma nova sociedade. A mudança da perspectiva pessimista para a otimista se dá pela ascensão político-militar do rei Ciro da Pérsia que é chamado em Isaías 45:1 de "Messias" ou "Ungido".

O primeiro texto (45.21-25) faz parte de um gênero literário de julgamento (processo judicial) comum no Antigo Oriente. Na verdade a passagem, do ponto de vista literário, começa no versículo 20. Os convocados para o julgamento são todos os povos que sofreram durante o domínio babilônico ("vos que escapastes das nações") e a acusação é contra os que carregam imagens de escultura que não podem salvar.

Antes de avançar para o julgamento em si é bom esclarecer que na época as divindades eram vinculadas ao Estado Nacional. Cada nação tinha uma ou mais divindades principais que concediam poder aos seus governantes. Ao propor um julgamento cujo júri são os povos oprimidos pela Babilônia, o texto coloca no banco dos réus as divindades que sustentavam esse império. Quem será o Deus verdadeiro SENHOR? (v.21)

A intenção desta profecia é mostrar ao povo exilado que os próximos acontecimentos, a saber, a queda da Babilônia e a consolidação do Império Persa seriam a realização da vontade do SENHOR. Isso não era o que o próprio Ciro pensava, pois ao tomar Babilônia ele reivindicou ser o verdadeiro adorador de Marduk (divindade nacional babilônica). No entanto esta pregação pouco se importava com a opinião do Rei Persa, mas com animar (que nada mais é que consolar) o povo que durante mais de 40 anos tinha sido escravo e, de certa forma, tinha se "acostumado" a esta condição. A tese é que enquanto as divindades feitas de madeira e pedra são destruídas, o SENHOR permanece para sempre e sua vitória finalmente será reconhecida por todos os povos (v.22-24). Este Deus é o SENHOR de Israel (aparentemente pequeno e abandonado no exílio) que finalmente lhe manifestará sua glória (25). Por isso a profecia chama a atenção para os acontecimentos históricos que sempre foram e serão a "sala de aula" do SENHOR da História.

O segundo texto para este domingo pertence a outro grupo de textos característicos de Isaías 40-55 chamados: "Cantos do Servo Sofredor". Há



várias explicações sobre quem seria este “servo sofredor” (52:13). Poderia ser o próprio povo que tendo completado todo seu sofrimento no exílio agora seria redimido ou restaurado. O servo poderia ser também um “messias” (como Ciro) só que escatológico que redimiria finalmente e para sempre o povo de Israel. Mesmo que como cristãos tendamos a ver a segunda possibilidade não se deve descartar a primeira do ponto de vista histórico. Quando se pergunta “Quem creu na nossa pregação” (53.1 - Almeida), trata-se claramente do povo exilado. No entanto a partir do versículo 4, muda a direção do discurso e parece ser uma pessoa diferente do povo (como um rei escatológico) capaz de carregar os males, sofrer as dores e finalmente vencer todos os inimigos. Nasce aqui o paradoxo da Cruz que é uma vitória que antes de vencer o sofrimento mergulha total e intensamente nele, coisas que este povo como todos os povos oprimidos entendem muito bem. (HMG)

2ª leitura (Epístola) – Filipenses 2.5-11

Há muitos anos, quando Dom Helder era bispo da Arquidiocese de Olinda e Recife, ele foi convidado para receber uma comenda na França. Dizem que quando ele foi anunciado e entrou no recinto, as pessoas ficaram de pé e começaram a aplaudi-lo. Mas dizem que os aplausos não cessavam até que ele pediu gentilmente, com um gesto, que fizessem silêncio. As pessoas se sentaram e esperaram a palavra do bispo nordestino. Antes de falar, contudo, alguém que estava ao seu lado, à mesa, perguntou-lhe “como o senhor está se sentindo agora?”, ao que ele teria respondido: “Eu me sinto como o jumentinho que carregou Jesus na entrada de Jerusalém”.

Neste domingo de ramos, dia de glória e de triunfo, somos convidados a refletir sobre um texto que fala justamente de outra coisa - de humildade. Paulo, no contexto deste texto, que é na realidade um hino cantado na Igreja primitiva, procura apresentar uma resposta para os problemas de partidarismo e vanglória (v. 3) que surgiram no seio daquela comunidade. Em resposta a este problema, Paulo sugere três atitudes e um exemplo. As três atitudes estão registradas nos versos 3 e 4, e o grande exemplo é visto no verso 5. Segundo Paulo, o exemplo de Jesus deve nortear nossa vida e nossos relacionamentos. Mas qual o exemplo que Jesus nos dá?

Em primeiro lugar, exemplo de humilhação. Devemos perceber que, na mente de Paulo, Jesus já era Deus, ele já “subsistia na forma de Deus”. O que nos fala de uma atitude de humilhação radical que leva desde a maior altura e dignidade, a de Deus, até a menor condição da sociedade da época, a de um servo ou escravo.

Devemos notar também que o ato de humilhação foi feito ou realizado pelo próprio Jesus, ou seja, foi um movimento voluntário. No verso 7 lemos



que ele "a si mesmo se esvaziou" e no verso 8 lemos que ele "a si mesmo se humilhou". Cristo quer nos mostrar que havia, em seu coração, este sentimento de doação que deve também estar presente em nossos corações de cristãos (v. 5). Este movimento de humilhação o levou a identificação com o homem, uma identificação tão radical que o fez assumir a indignidade de uma morte de cruz. Ele não se humilhou para mostrar que era "bonzinho" ou que tinha "pena" da humanidade. Ele assumiu a condição humana na sua forma mais radical, na sua morte. Morte significa separação, disjunção, cisão, cisma. Sempre que apregoamos estes sentimentos, estamos apregoamos a morte e estamos demonstrando que Cristo morreu por algo de extrema importância. Este "princípio de separação", que é como devemos chamar o pecado, vem gerando a morte desde o princípio dos tempos. E a humilhação de Jesus nos aponta o caminho para sua superação.

Mas este texto não nos mostra apenas um exemplo de humilhação. Aqui também encontramos um exemplo de exaltação. Quando observamos o texto devemos perceber algumas verdades. Devemos perceber que, quem está sendo exaltado até as alturas, é aquele que é descrito como homem e como servo. Este homem-servo é colocado agora nas maiores alturas e colocado acima de tudo e de todos. Jesus, ou seja, aquele que assumiu a natureza humana, é agora um de nós, e é agora, é colocado em uma posição de extrema dignidade. O texto diz, no verso que Deus, "o exaltou sobremaneira".

Precisamos notar ainda, que este movimento ascensional, ocorre de forma passiva. O verso 9 diz que "Deus o exaltou" e diz que "Ihe deu o nome". O sujeito deste movimento de exaltação é Deus. É ele quem exalta a Jesus, pela ressurreição, e o coloca em uma condição acima de tudo e de todos. Ele é agora chamado de Senhor! (v.11)

Finalmente, é preciso observar que, quando as pessoas reconhecem que todo este processo de humilhação e de exaltação é feito "para a glória de Deus Pai". (v. 11) Isto mostra que nosso desejo de servir não deve ser motivado por sentimentos menos nobres ou por interesses subalternos, mas pelo profundo desejo de glorificar a Deus em nosso serviço e em nossa exaltação.

Resta perguntar se temos, com a nossa vida – de humilhação e exaltação – apontado para Cristo, se temos apresentado a Deus como o gracioso salvador de nossa vida e nosso supremo guia e protetor. (JLFA)

Santo Evangelho: Lucas 19.29-40 (Ramos)

Jesus em Jerusalém: a chegada de Jesus em Jerusalém está aproximando os eventos salvíficos da humanidade de seu final, pois lá o Filho do Homem sofrerá Sua paixão e morte, mas ressuscitará no "terceiro dia".



Este é o "caminho" pelo qual Ele será entronizado em Sua realeza (tanto divina quanto humana) predita desde o Seu nascimento, recebida no Seu batismo, testada na Sua provação no deserto, reafirmada na Sua peregrinação ministerial e, agora redentoramente concluída em Sua "última semana" pela Sua dolorosa paixão vicária e sacramental.

A entrada messiânica em Jerusalém. Este acontecimento está narrado nos quatro Evangelhos, o que por si só já demonstra sua importância pedagógica e seu lugar teológico. Entretanto, São Lucas é original nos versos 35b, 37-38 que lembram a entronização de Salomão em I Rs 1,33ss (cujo nome significa "homem pacífico" cf. I Cr 22,9). Por sua vez este era filho de Davi que foi um "rei-messias" que unificou e pacificou Israel a partir de sua capital **Yerüshalem** (nome que significa "fundamento da paz" Is 52,2; Sl 76,2). A "teologia messiânica" terá sempre seu referencial dinástico a partir da linhagem davídica, motivo que levou São Lucas a colocar em primeiro plano a entronização de Jesus (o "príncipe da Paz" anunciado na profecia de Isaías 9,5) para fundamentar Seu papel de "juiz escatológico" e o reconhecimento dos seguidores ao "rei-messias" que traz a "Boa Nova da salvação de Deus para todos os povos" (Lc 2,10ss).

Para essa compreensão teológica, São Lucas emoldura a "entrada triunfal de Jesus" através de alguns elementos sutis, mas profundamente significativos:

- enaltece a obediência dos discípulos (sem perguntas ou discussão, v. 32 e 35a);
- assinala a humildade do rei (montado em jumentinho, v.35b), e
- engrandece a louvação do povo (que esperava um político nacionalista, v. 37s).

Por trás desta "pintura" está a intenção do evangelista em oferecer uma calorosa recepção ao "rei que vem em nome do Senhor" (v. 38) cuja missão é para garantir o verdadeiro culto a Deus (onde "a misericórdia e a verdade se encontrem" Sl 85, 10a) e inaugurar o Seu Reino (onde "a paz e justiça se beijem", Sl 85,10b).

São Lucas, diferente dos textos de Marcos e Mateus, troca a expressão hebraica **hosana** pela palavra helênica **glória**, a fim de ser coerente com a sua intenção pedagógica de anúncio a Boa Nova aos gentios. Igualmente diferente de Marcos e de Mateus apesar de mencionados em João, São Lucas coloca os fariseus no grupo de seguidores de Jesus e ainda aconselhando-o a "repreender Seus discípulos". Como é a última menção desta "seita" no seu Evangelho, Lucas pode estar tentando dizer que, no fim das contas, até os fariseus (que eram ferrenhos perseguidores, difamadores e inquisidores de Jesus) já estavam se convertendo e admitindo a "nova doutrina de Jesus" a ponto de chamá-lo de Mestre (v. 39).



As pedras gritarão (v.40): é a conclusão miraculosa deste relato triunfal com a aclamação dos próprios seres inanimados da natureza, ou seja, se os "verdadeiros adoradores vivos" não anunciarem ao mundo a chegada do Cristo, então Deus providenciará para que as "pedras gritem". São Lucas retoma esta perspectiva no capítulo dois de Atos (seu segundo livro) ao relatar que, no Dia do Pentecostes, o mesmo fenômeno se repete, pois "em todas as línguas eram anunciadas as maravilhas de Deus" (At 2,1-12).

Outra interpretação possível do texto lucano é a provável menção à destruição de Jerusalém (70 aD), porque o "povo eleito" não reconheceu a hora de sua visita e nem recebeu o Messias, restando somente as pedras como "testemunhas clamorosas" deste passado mal passado e que hoje compõem o "muro das lamentações!"

Desafio quaresmal: ao celebrar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, dispor-se a anunciar durante esta semana que, tal qual o "reimessias" entrou em Jerusalém, Ele aguarda a oportunidade única de receber um convite para "entrar na vida" daqueles/as que o acolhem como o Cristo de Deus e passam a testemunhar o Seu amor e sacrifício vicário por todas as pessoas. Este anúncio pode ser desde simples gestos de acolhida até a promoção de atividades que exercitem e demonstrem solidariedade às pessoas carentes e necessitadas.

Apêndice litúrgico

Domingo de Ramos: faz parte da encenação da "procissão de ramos", levar ao culto algum ramo (palma, galho de oliveira, flores, etc, para festiva saudação) e/ou agasalho com os quais se constrói um "caminho" que, depois de proclamado o Evangelho, serão recolhidos e doados a alguma instituição beneficente ou distribuídos às pessoas necessitadas. Demonstrando alegria e efusiva acolhida ao Santo Evangelho pode-se cantar algum hino bem alegre e vibrante acompanhado de louvações, instrumentos musicais e/ou aplausos. (RH)